

PLANEJAMENTO E DESCONTINUIDADES: do ideal ao real no caso da Nova Castro

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

COMIN, Bianca Paola

Doutoranda em Urbanismo; PROURB - UFRJ
bianca.comin@fau.ufrj.br

OLYMPPIO, Gabriela da Silva

Mestranda em Geografia; PPGEIO - UEPG
gabrielaolympio.arq@gmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa o projeto urbano da chamada Nova Castro, no município de Castro, à luz das contradições entre planejamento e produção efetiva do espaço urbano. Partindo da crítica ao urbanismo tecnicista, conforme Ermínia Maricato, discute-se o distanciamento entre cidade ideal e cidade real, evidenciando o papel do risco e da descontinuidade na materialização dos planos urbanos. O estudo de caso centra-se na execução parcial do projeto, que resultou na implantação do bairro Jardim Alvorada como único subprojeto efetivado. Destinado à habitação de interesse social, o empreendimento foi implantado em área periférica e desconectada da malha urbana consolidada, gerando dificuldades de acesso a serviços e reforçando dinâmicas de segregação socioespacial. A não continuidade dos demais subprojetos, associada a entraves técnicos, econômicos e simbólicos, evidencia os limites de um planejamento dissociado das condições concretas do território. A partir da análise documental da legislação urbanística municipal, dos instrumentos de planejamento e das propostas recentes de reconfiguração territorial, argumenta-se que o insucesso do projeto não deve ser compreendido apenas como falha, mas como processo ativo de produção do espaço urbano, que engendra fragmentação, isolamento e desigualdade. O caso analisado reforça a necessidade de compreender o planejamento urbano como prática atravessada por conflitos, e não como instrumento neutro de ordenamento.

Palavras-chave: produção do espaço urbano; planejamento urbano; segregação socioespacial; bairros planejados; Castro.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes the urban project known as Nova Castro, in the municipality of Castro, in light of the contradictions between planning and the effective production of urban space. Drawing on the critique of technocratic urbanism, particularly by Ermínia Maricato, it discusses the gap between the ideal city and the real city, highlighting the role of risk and discontinuity in the materialization of urban plans. The case study focuses on the partial implementation of the project, which resulted in the Jardim Alvorada neighborhood as its only completed subproject. Intended for social housing, the development was built in a peripheral and poorly connected area, leading to limited access to services and reinforcing patterns of socio-spatial segregation. The discontinuation of the remaining subprojects, associated with technical, economic, and symbolic constraints, reveals the limits of planning detached from the concrete conditions of the territory. Based on a documentary analysis of municipal legislation, planning instruments and recent proposals for territorial reconfiguration, the article argues that the project's failure should not be understood merely as a flaw, but as an active process in the production of urban space, generating fragmentation, isolation, and inequality. The case highlights the need to understand urban planning as a practice shaped by conflicts rather than a neutral instrument of spatial organization.

Keywords: urban space production; urban planning; socio-spatial segregation; planned neighborhoods; Castro.

RESUMEN

Este artículo analiza el proyecto urbano denominado Nova Castro, en el municipio de Castro, a la luz de las contradicciones entre la planificación y la producción efectiva del espacio urbano. A partir de la crítica al urbanismo tecnocrático, especialmente en Ermínia Maricato, se discute la brecha entre la ciudad ideal y la ciudad real, destacando el papel del riesgo y de la discontinuidad en la materialización de los planes urbanos. El estudio de caso se centra en la ejecución parcial del proyecto, que resultó en la implantación del barrio Jardim Alvorada como único subproyecto concretado. Destinado a la vivienda de interés social, el emprendimiento fue implantado en un área periférica y desconectada del tejido urbano consolidado, generando dificultades de acceso a servicios y reforzando dinámicas de segregación socioespacial. La no continuidad de los demás subproyectos, asociada a limitaciones técnicas, económicas y simbólicas, evidencia los límites de una planificación desvinculada de las condiciones concretas del territorio. Basándose en un análisis documental de la legislación municipal de planificación urbana, los instrumentos de planificación y las propuestas recientes de reconfiguración territorial, se argumenta que el fracaso del proyecto no debe entenderse únicamente como una falla, sino como un proceso activo de producción del espacio urbano, que genera fragmentación, aislamiento y desigualdad. El caso analizado refuerza la necesidad de comprender la planificación urbana como una práctica atravesada por conflictos, y no como un instrumento neutro de ordenamiento territorial.

Palabras clave: producción del espacio urbano; planificación urbana; segregación socioespacial; barrios planificados; Castro.

PENSAR FORA DO EIXO

Todavia, sempre existe uma cidade ideal dentro ou sob a cidade real, distinta desta como o mundo do pensamento o é do mundo dos fatos.
Giulio Carlo Argan

INTRODUÇÃO

Entre a cidade pensada e a cidade executada abre-se um intervalo. Não se trata apenas de uma distância mensurável entre o projeto e sua execução, mas de um campo instável onde o risco ocupa espaço. Oriundo dos termos latinos *risicu* e *riscu*, e relacionado a *resecare* — o corte, a ruptura (MONTEIRO, 1991 apud DAGNINO, 2007) —, o risco não apenas acompanha o planejamento: ele o atravessa, introduzindo descontinuidades, desviando trajetórias e inscrevendo fissuras entre o que se projeta e o que se realiza.

O ato de planejar, ancorado no domínio do pensamento, projeta futuros possíveis; o de executar, submetido ao tempo e às contingências do real, reinscreve esses futuros sob outras condições. Nesse descompasso, a cidade deixa de ser mera realização de um ideal e passa a incorporar as marcas de suas interrupções. O que emerge não é apenas a cidade construída, mas também a cidade interrompida (CUNHA; ANDRADE, 2018) — aquela que persiste como vestígio de um futuro não realizado e que carrega, em sua forma, os vestígios de um futuro que não se cumpriu.

No campo do urbanismo, tais descontinuidades não se dissipam: elas se materializam no território. Planos inacabados, projetos interrompidos e intenções frustradas não desaparecem; ao contrário, persistem como fragmentos inscritos no espaço urbano, frequentemente associados ao isolamento e à produção de desigualdades (RAMÍREZ; SAINZ, 2013). O risco, nesse sentido, deixa de ser apenas uma abstração e se converte em operador da forma urbana, participando ativamente da constituição de territórios marcados pela incompletude.

É sob essa perspectiva que se pode compreender o caso da chamada Nova Castro, concebida como um projeto de expansão urbana no município de Castro (PR), mas cuja realização parcial resultou na consolidação do bairro Alvorada como um fragmento dissociado da malha urbana. A partir da análise documental da legislação urbanística municipal, dos instrumentos de planejamento e das propostas recentes de reconfiguração territorial, procura-se contribuir para o debate sobre a implementação de um plano que negou a construção social da cidade e que não se completou plenamente, tendo no bairro Alvorada a expressão concreta dessa ruptura: um território que não apenas resulta do desvio entre intenção e execução, mas que é, ele próprio, produzido por essa fratura.

Diante disso, o presente artigo propõe analisar o insucesso do projeto da Nova Castro não como simples falha, mas como processo ativo de produção do espaço urbano. Articulam-se ideias de

PENSAR FORA DO EIXO

autores consagrados, como Flavio Villaça, Henri Lefebvre e Ermínia Maricato. Argumenta-se que a interrupção do plano contribuiu para a conformação de uma periferia marcada pelo distanciamento territorial e pela precarização, evidenciando as tensões entre planejamento, ação institucional e as dinâmicas que, em última instância, produzem a cidade real.

1 NOVA CASTRO: O PLANO E A CIDADE CONCEBIDA

Ao afirmar que o urbanismo brasileiro não se compromete com a realidade concreta das cidades e dos territórios urbanos, Maricato (2000) estabelece uma crítica contundente ao distanciamento entre os planos e sua execução. Produz-se, assim, uma cidade ideal que busca se impor — mais do que se articular — à cidade real, cujos contornos, na prática, pouco dialogam entre si. Essa tradição de distanciamento remonta, segundo a autora, aos primórdios do urbanismo, vinculada a uma tentativa de ordenação do território centrada na figura do arquiteto e urbanista como propositor de soluções ideais, universalizantes e pretensamente corretas.

Ao mesmo tempo, a ênfase nos aspectos funcionais, característica do urbanismo modernista, busca instituir no território um rigor que lhe é, em grande medida, alheio. Tanto no que se refere à forma quanto à segregação das funções — princípio estruturante desses projetos —, a imposição de uma lógica excessivamente racionalizada resulta no não reconhecimento daquilo que já existe: uma realidade territorial dinâmica, histórica e socialmente construída. Nessa perspectiva, projetos que não dialogam com as realidades socioeconômicas e espaciais acabam por cumprir um “papel ideológico” (VILLAÇA, 1995 apud MARICATO, 2000), ao mesmo tempo em que “encobrem o motor que comanda os investimentos urbanos” (MARICATO, 2000, p. 124) — aspecto ao qual se retornará adiante.

Desse modo, o descompasso entre o planejar e o agir — atravessado tanto pelo risco inerente ao planejamento quanto pela negligência em relação ao conhecimento do território — aprofunda o afastamento entre o ideal e o real, entre o vivido e o concebido (LEFEBVRE, 2000). O plano urbano, frequentemente apresentado como solução precisa e racional para os problemas da cidade, opera, muitas vezes, pela sua negação: ignora conflitos, silencia desigualdades e se projeta sobre o território como se este fosse neutro. Como aponta Maricato (2000, p. 174):

É praticamente unânime uma surpreendente confiança no planejamento como solução racionalizadora para o caos em que se encontram as nossas cidades. Esse caos seria precisamente a falta de planejamento. Sem o reconhecimento dos conflitos profundos que constituem o motor dessa realidade urbana, a solução é uma questão de competência técnica.

PENSAR FORA DO EIXO

Ao não se enraizar nas condições concretas do território, o planejamento urbano — concebido como solução não apenas técnica, mas tecnicista — revela suas lacunas ao ampliar o risco que, naturalmente, permeia a passagem do plano à execução. O caso do projeto da Nova Castro se insere nesse quadro: ao propor uma solução abrangente para a reorganização urbana do município, o plano não logra efetivar-se. Mais do que isso, quando confrontado com a realidade geográfica e socioeconômica local, evidencia-se que o risco se intensifica na medida em que se afasta do conhecimento das especificidades territoriais (MARICATO, 2000).

Inserido na Região Geográfica Intermediária de Ponta Grossa (Figura 1), no estado do Paraná, o município de Castro integra um conjunto de cidades marcado por fortes relações de interdependência funcional. Com população de 73.075 habitantes (IBGE, 2022) e extensão territorial de 2.531,50 km², Castro configura-se como o município de maior área e o segundo mais populoso de sua região imediata. No entanto, sua área urbana — de apenas 14,33 km² — revela uma configuração espacial marcada pela baixa densidade demográfica (28,9 hab/km²) e por uma significativa dispersão territorial. Esse padrão sugere uma urbanização pouco compacta, em que a relação entre cidade e campo permanece estreita, tanto do ponto de vista econômico quanto espacial, evidenciando a permanência de uma lógica territorial híbrida.

Figura 1. Regiões geográficas intermediárias do estado do Paraná

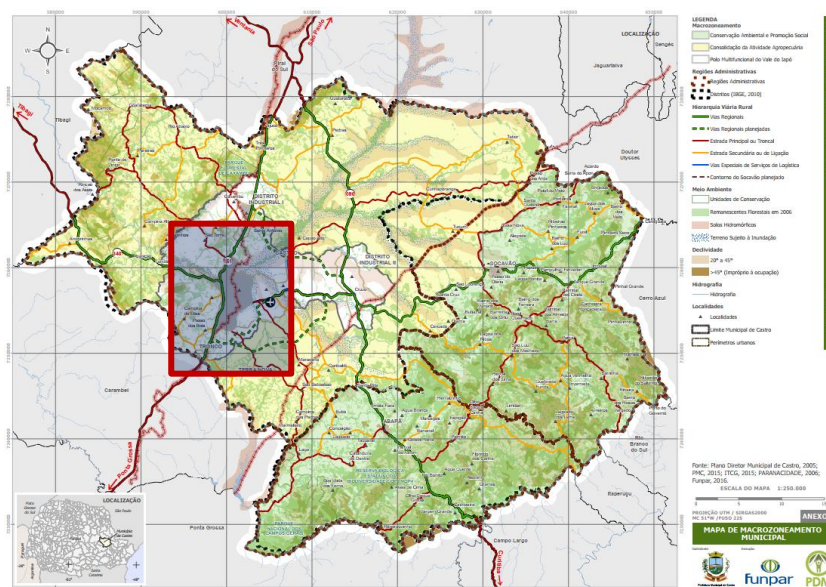


Fonte: IBGE, 2018.

PENSAR FORA DO EIXO

Tal característica não provém do acaso. Historicamente vinculada à produção agropecuária — com destaque para a atividade leiteira —, Castro apresenta uma dinâmica socioeconômica fortemente ancorada no meio rural (Figura 2), o que se reflete na própria organização de seu espaço urbano. Nesse contexto, a expansão da malha urbana tende a ocorrer de forma pontual, frequentemente orientada por interesses específicos e nem sempre articulada à estrutura existente, resultando em áreas periféricas (Figura 3) que apresentam graus variados de integração à cidade consolidada.

Figura 2. Mapa de Castro, com destaque para a área urbanizada da sede



Fonte: Castro, 2017.

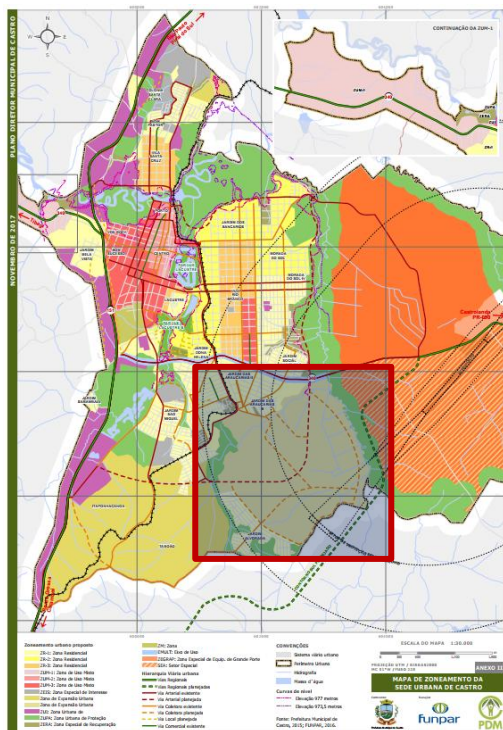
É precisamente nesse cenário — marcado por baixa densidade, expansão dispersa e forte vínculo com o meio rural — que se insere a proposição da chamada Nova Castro, concebida como um projeto de expansão urbana que buscava “reorganizar o crescimento da cidade” (YAMAMOTO, 2013) a partir da criação de uma nova centralidade planejada. Sua efetivação enquanto instrumento urbanístico se deu a partir da alteração do perímetro urbano por meio da Lei Complementar nº 35/2011, no contexto da revisão do Plano Diretor. Tal alteração incorporou à área urbana uma extensa porção territorial ao sul da sede municipal (Figura 3), direcionando formalmente a expansão da cidade para essa região.

Inserida nesse novo perímetro, a área da Fazenda Santa Galo foi definida como suporte para a implementação do Plano Piloto denominado Nova Castro. Aprovado em 05 de julho de 2013 por meio do Decreto Municipal nº 389/2013, o plano compreende uma área de 4.665.437 m² e

PENSAR FORA DO EIXO

estabelece um zoneamento próprio, distinto daquele previsto na legislação vigente. Conforme ilustrado nas Figuras 4 e 5, o projeto propõe a organização do território em zonas específicas — residenciais, de interesse social, comerciais e institucionais —, reafirmando uma lógica de ordenamento funcional típica do planejamento modernista.

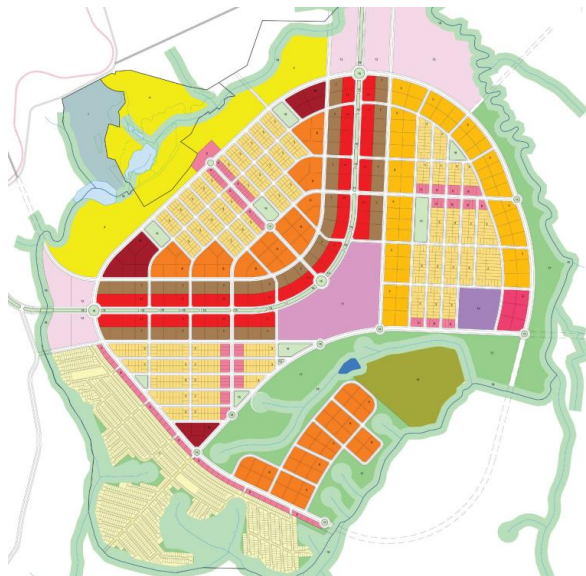
Figura 3. Perímetro urbano de Castro, com destaque para a área de implantação da Nova Castro



Fonte: Castro, 2017.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Perímetro urbano de Castro, com destaque para a área de implantação da Nova Castro



Fonte: Castro, 2013.

Figura 5. Perímetro urbano de Castro, com destaque para a área de implantação da Nova Castro



Fonte: Yamamoto, 2013.

Localizado de forma relativamente dissociada da malha urbana consolidada, o empreendimento não pretendia apenas ampliar a área urbanizada, mas instituir uma nova lógica de ocupação do

PENSAR FORA DO EIXO

território, pautada pela racionalização do espaço e pela promessa de um crescimento ordenado (YAMAMOTO, 2013). No material de divulgação¹ do empreendimento, essa intenção é explicitada:

Por ser uma grande área rural ainda desabitada, a Fazenda Santa Galo se tornou uma continuação natural para o crescimento de Castro. O avanço da cidade ocorre nesta região mais aceleradamente desde os anos 2000 e agora encontrará, no projeto de uma Nova Castro, a mecânica de crescimento ordenado, que condiz com o apelo por qualidade de vida das cidades contemporâneas (YAMAMOTO, 2013)

Observa-se, assim, a centralidade do discurso do “crescimento ordenado” como solução para as questões urbanas. Tal narrativa, no entanto, não apenas simplifica a complexidade da produção do espaço urbano, como também revela uma concepção que tende a desconsiderar os conflitos e as dinâmicas já existentes no território (MARICATO, 2000). O material de divulgação do empreendimento, elaborado pelo Grupo Yamamoto, reforça essa perspectiva ao apresentar imagens idealizadas de uma “cidade perfeita” (Figuras 5 e 6), mobilizando elementos simbólicos que evocam qualidade de vida, harmonia e controle.

Figura 6. Portal de entrada da Nova Castro



Fonte: Yamamoto, 2013.

Esse tipo de estratégia dialoga diretamente com a análise de Maricato (2000, p. 170), ao destacar o papel da construção simbólica no planejamento urbano:

Ganha mais importância a subjetividade – os cenários, plenos de significados, que visam criar um sentimento genérico positivo, com efeito sinérgico [...]. Aliás, uma das características desse tipo de planejamento é o otimismo: não mencionar os problemas e, se for impossível ignorá-los, destacar o lado positivo, já que constituem sempre oportunidades de mudar o jogo.

Para além da dimensão simbólica, o projeto também explicita uma lógica de diferenciação socioespacial. A proposta de criação de áreas específicas, como o denominado “Bairro Holandês”

¹ <https://novacastro.com.br/>

PENSAR FORA DO EIXO

(Figura 5), evidencia a construção de um discurso seletivo, no qual determinados grupos sociais são associados a espaços qualificados da cidade. Ao destinar “uma das mais nobres áreas” à classe média, o empreendimento sugere, ainda que implicitamente, a restrição do acesso a determinados atributos urbanos — como a arborização e a qualidade ambiental —, reforçando processos de segregação socioespacial.

Assim, mais do que propor uma expansão urbana, o projeto da Nova Castro revela uma tentativa de produção de uma nova cidade sobre o território existente, ancorada em princípios de ordenamento, controle e distinção. No entanto, como se discutirá a seguir, a execução parcial desse projeto — materializada sobretudo no bairro Alvorada — não resultou na consolidação da proposta original, mas na produção de um fragmento urbano (RAMÍREZ; SAINZ, 2013) marcado pelo isolamento e pela descontinuidade. Nesse sentido, o caso evidencia, de forma concreta, como as tensões entre planejamento e realidade não apenas limitam a realização dos planos, mas participam ativamente da produção desigual do espaço urbano.

Essa dissociação entre planejamento e realidade urbana não constitui um desvio pontual, mas antes uma condição recorrente na própria história do urbanismo. Como sugere Lefebvre (2000), o espaço não se reduz àquilo que é concebido pelos instrumentos técnicos do planejamento, mas se realiza, sobretudo, nas práticas, nos usos e nas experiências cotidianas que o atravessam. Nesse descompasso entre o espaço concebido e o espaço vivido, abrem-se fissuras que revelam os limites de uma racionalidade que pretende ordenar o território a partir de modelos abstratos.

No contexto brasileiro, como evidencia Maricato (2000), essa distância assume contornos ainda mais evidentes, na medida em que o planejamento urbano, frequentemente revestido de neutralidade técnica, ignora os conflitos estruturais que produzem a cidade. Assim, o hiato entre plano e realidade não deve ser compreendido apenas como falha, mas como expressão de uma forma específica de produzir o espaço urbano — uma forma que, ao privilegiar a idealização, tende a reproduzir e aprofundar desigualdades.

2 ALVORADA: A CIDADE PRODUZIDA E A MATERIALIZAÇÃO DA RUPTURA

Se, no plano, a Nova Castro se apresentava como a promessa de uma cidade ordenada, racional e integrada, sua materialização parcial revela um resultado substancialmente distinto. A execução fragmentada do projeto não produziu a nova centralidade almejada, mas deu origem a um território cuja existência se define precisamente pela descontinuidade: o bairro Alvorada.

PENSAR FORA DO EIXO

O bairro Jardim Alvorada (Figura 7) constitui o primeiro — e único — subprojeto da Nova Castro efetivamente implantado. Aprovado em 17 de outubro de 2013, por meio do Decreto Municipal nº 780/2013, o loteamento compreendia uma área de 640.675 m², organizada em 1.209 lotes, tendo como objetivo central a produção de habitação de interesse social. No Plano Piloto, a área foi definida como Zona de Interesse Social, ainda que tal categoria não estivesse prevista no zoneamento estabelecido pelo Plano Diretor vigente à época, evidenciando já uma flexibilização normativa em favor da viabilização do empreendimento.

Conforme estabelecido no decreto, a implementação das moradias deu-se por meio do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), com recursos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR), sendo destinadas a famílias com renda de até três salários mínimos. A ocupação do loteamento, nesse sentido, não apenas respondeu a uma demanda habitacional existente, como também operou por meio do remanejamento de populações anteriormente dispersas em ocupações irregulares na sede urbana.

Contudo, a inserção territorial do empreendimento — marcada por sua localização periférica e pela existência de apenas uma via de conexão com o restante da malha urbana — produziu efeitos significativos sobre as condições de vida da população ali instalada. O deslocamento dessas famílias para uma área fisicamente apartada do tecido urbano consolidado implicou não apenas uma mudança espacial, mas uma reconfiguração de suas relações cotidianas com a cidade. A dificuldade de acesso a serviços públicos, equipamentos urbanos e oportunidades de trabalho evidencia que a provisão habitacional, quando dissociada da integração urbana, tende a reproduzir — e, em alguns casos, aprofundar — processos de segregação socioespacial.

Passados mais de dez anos desde sua implantação, o bairro encontra-se consolidado, ainda que permaneçam limitações estruturais relevantes. A posterior instalação de equipamentos públicos de saúde, educação e lazer contribuiu para a melhoria das condições locais, mas não foi suficiente para reverter completamente sua condição de relativa desconexão em relação à cidade. Tal permanência revela que a integração urbana não se realiza apenas pela presença de infraestrutura pontual, mas depende de uma articulação mais ampla com a estrutura urbana existente.

Paralelamente, a não continuidade dos demais subprojetos da Nova Castro pode ser compreendida a partir de um conjunto de fatores. Entre eles, destacam-se questões de ordem técnica, como a inadequabilidade do solo identificada em estudos posteriores à concepção do plano, o que limitou a viabilidade de parcelamento em determinadas áreas e comprometeu a atratividade econômica do empreendimento. Soma-se a isso a exigência de implantação de infraestrutura urbana —

PENSAR FORA DO EIXO

especialmente viária — e os entraves legais associados à sua aprovação, elementos que evidenciam a fragilidade do planejamento inicial no que se refere à sua exequibilidade.

Para além dos aspectos técnicos, a dinâmica socioespacial produzida pelo próprio empreendimento também contribuiu para a descontinuidade do projeto. Maricato (2000) contribui para essa discussão ao revelar que quando a preocupação social surge, os planos transformam-se em planos-discurso, que visam esconder uma realidade, em vez de revelá-la. A consolidação do Jardim Alvorada como um bairro associado a populações de baixa renda, somada à sua localização periférica e às dificuldades de integração urbana, favoreceu processos de estigmatização territorial. Essa construção simbólica negativa — frequentemente associada a precariedade, insegurança e baixa qualidade urbana — impactou diretamente o interesse de novos investimentos na região, reforçando um ciclo de desvalorização e isolamento.

Nesse sentido, a própria lógica do empreendimento revela uma tensão fundamental entre quantidade e qualidade na produção do espaço urbano, tal como discutido por Argan (2005). Ao concentrar um número expressivo de unidades habitacionais em uma área periférica e pouco integrada, o projeto privilegiou a resposta quantitativa ao déficit habitacional em detrimento da qualidade urbana e da inserção territorial. Como observa o autor, a problemática urbanística contemporânea reside justamente na dissociação entre esses dois termos, que, ao invés de se complementarem, tendem a se opor. Essa discrepância pode ser observada de forma evidente quando se comparam as imagens disponibilizadas no sítio de divulgação do empreendimento (Figura 7) — registradas logo após a construção das unidades, ainda desocupadas — com registros posteriores do local já habitado (Figura 8).

Figura 7. Jardim Alvorada – pós construção



Fonte: Yamamoto, 2013.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 8. Jardim Alvorada – pós habitação

Fonte: Google Earth, 2025.

A comparação entre essas imagens explicita a distância entre a representação idealizada do empreendimento e sua materialização concreta. Enquanto a Figura 7 apresenta um cenário ordenado, homogêneo e visualmente controlado, a Figura 8 evidencia as transformações decorrentes da apropriação cotidiana do espaço, revelando dinâmicas que escapam à lógica do planejamento original. Como sugere Argan (2005, p. 75), “[...] e fácil constatar que o devir nunca tem um ritmo ou um andamento linear, não corresponde a nenhum esquema, ou padrão, a priori”, incorporando dimensões que escapam ao planejado e que absorvem os riscos presentes na distância entre o real e o ideal.

Ademais, a qualidade ambiental observada na Figura 8 difere significativamente daquela sugerida tanto pelas imagens projetuais (Figura 5) quanto pelo discurso de divulgação do empreendimento². No material promocional, a presença de “infraestrutura urbana completa já construída” é apresentada como diferencial, quando, na realidade, trata-se de uma exigência legal para a aprovação do loteamento. De modo semelhante, a referência a “casas confortáveis” contrasta com a metragem das unidades — cerca de 44 m² —, que pode se mostrar insuficiente para atender adequadamente famílias mais numerosas.

² “Venha conhecer o Loteamento Jardim Alvorada. Casas localizadas em uma das mais altas regiões de Castro, em um loteamento com infraestrutura urbana completa já construída (água, esgoto e entrada de luz para as residências, asfalto, meio fio, iluminação pública). São casas confortáveis, em terrenos privativos, com cozinha, dois dormitórios, sala e banheiro com aquecimento por energia solar. Sua chance de morar no seu imóvel chegou” (YAMAMOTO, 2013).

PENSAR FORA DO EIXO

Soma-se a isso o fato de que, ao contrário do que ocorre em outras áreas do projeto, como o denominado “Bairro Holandês”, o discurso de promoção do Jardim Alvorada não enfatiza atributos relacionados à qualidade ambiental ou à valorização paisagística. Tal assimetria evidencia uma diferenciação discursiva e simbólica entre os distintos segmentos do empreendimento, reforçando a ideia de que a produção do espaço urbano, mesmo quando formalmente planejada, pode reproduzir lógicas de hierarquização socioespacial. Nesse sentido, as imagens não apenas ilustram o empreendimento, mas constituem parte ativa da construção de uma narrativa idealizada que, ao se confrontar com a realidade, revela as contradições do próprio planejamento.

Ainda conforme Argan (2005), a cidade deve ser compreendida não apenas como forma ou imagem, mas como construção concreta, dependente de condições técnicas que garantam sua viabilidade. Nesse sentido, antes de ser pensada em termos ideais ou estéticos, a cidade precisa ser concebida a partir de sua construtibilidade — isto é, das condições materiais e operacionais que permitem sua realização. No caso da Nova Castro, tais aspectos foram, em grande medida, negligenciados. A primazia de um discurso voltado à atratividade e à valorização simbólica do empreendimento sobrepôs-se à consideração de suas condições efetivas de implantação, revelando um descompasso entre concepção e execução.

Assim, mais do que um projeto urbanístico, a Nova Castro se configura também como um empreendimento orientado por interesses econômicos, no qual o planejamento atua como instrumento de valorização territorial (MARICATO, 2000). Nesse contexto, o insucesso parcial do projeto não representa apenas uma falha, mas evidencia os limites de uma lógica de produção do espaço que prioriza a idealização em detrimento da realidade.

Longe de se configurar como a expressão acabada de um plano, o bairro Alvorada emerge, portanto, como vestígio de sua interrupção — um fragmento urbano que materializa, no espaço, o hiato entre o ideal projetado e o real produzido (LEFEBVRE, 2000). Mais do que evidenciar o insucesso de uma proposta, o bairro permite compreender como o próprio fracasso do planejamento atua como agente na produção do espaço urbano, engendrando formas marcadas pela fragmentação, pelo isolamento e pela desigualdade.

Dessa forma, o caso do Alvorada evidencia que o planejamento urbano, quando dissociado das condições concretas do território, não apenas falha em seus objetivos, mas participa ativamente da produção de desigualdades socioespaciais. Ao materializar, em sua forma e funcionamento, as contradições entre projeto e realidade, o bairro reafirma a necessidade de compreender o espaço urbano não como resultado linear de intenções, mas como produto de processos complexos, atravessados por conflitos, rupturas e descontinuidades.

PENSAR FORA DO EIXO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, como sugere Argan (2005), há sempre uma cidade ideal que se insinua sob a cidade real, este trabalho buscou explorar justamente o intervalo que as separa. Mais do que uma distância estática, trata-se de um espaço de tensão, onde o planejamento, atravessado por incertezas, limites e interesses, encontra a materialidade do território — e, nesse encontro, se transforma.

O caso da Nova Castro revela que nem todo projeto se cumpre, mas nenhum deixa de produzir efeitos, alinhando-se ao apresentado em Maricato (2000). Aquilo que, à primeira vista, poderia ser lido como fracasso — a não realização integral de um plano — manifesta-se, na realidade, como processo ativo de produção do espaço. O bairro Alvorada emerge, assim, não como sobra ou desvio, mas como inscrição concreta dessa ruptura: um fragmento de cidade que carrega, em sua forma e em seu funcionamento, as marcas de um futuro que não se realizou plenamente.

Nesse sentido, o planejamento não desaparece quando interrompido; ele permanece, inscrito no território, reorganizando fluxos, produzindo distâncias, instituindo formas de viver e de habitar. O Alvorada evidencia que o espaço urbano não é apenas aquilo que se projeta, mas também aquilo que resiste, que se adapta, que se reinventa diante das limitações do plano. Entre o que se imaginou e o que se construiu, abre-se um campo fértil de contradições, e é nele que a cidade efetivamente se produz.

Ao revelar uma periferia engendrada não pela ausência, mas pela ação do planejamento, o caso tensiona leituras simplificadoras da produção urbana. Mostra que a desigualdade não se instala apenas onde o plano não chega, mas também onde ele chega de forma parcial, seletiva ou desconectada da realidade que pretende ordenar.

Assim, mais do que apontar limites, a análise convida a um deslocamento de perspectiva: compreender o planejamento não como promessa de controle absoluto, mas como prática situada, atravessada por incertezas e disputas, cujos resultados escapam, muitas vezes, às intenções que lhe deram origem. Reconhecer essa condição — de uma cidade que nunca coincide plenamente consigo mesma — é, talvez, o primeiro passo para pensar formas mais sensíveis, abertas e comprometidas com a complexidade do urbano.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. Cidade ideal e cidade real. *In: História da arte como história da cidade*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO. **Decreto Municipal nº 389, de 2013**. Publicado no Diário Oficial em 5 de julho de 2013: Município de Castro, PR.

PENSAR FORA DO EIXO

_____. **Decreto Municipal nº 780, de 2013**. Publicado no Diário Oficial em 17 de outubro de 2013: Município de Castro, PR.

_____. **Lei Complementar nº 61/2017**. Dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Castro, estabelecendo os princípios e diretrizes para o desenvolvimento sustentável do Município. Publicada em 20 de dezembro de 2017, Município de Castro, PR. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-castro-pr>>. Acesso em: novembro de 2024.

CUNHA, Jeysson Ricardo Fernandes da; ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. “A cidade idílica, a cidade interrompida e a cidade possível: as crianças falam sobre as obras da copa do mundo em Cuiabá”. **Revista Ciências Humanas – Educação e Desenvolvimento Humano**. Taubaté: UNITAU, v. 11, n. 2, ed. 21, dez. 2018, p. 8-18.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio. **Riscos ambientais na Bacia Hidrográfica do Ribeirão das Pedras, Campinas / São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/primeiros-resultados>>. Acesso em: novembro de 2024.

_____. **Região Geográfica Intermediária do Estado do Paraná**. 2018. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/sites/ipardes/arquivos_restritos/files/documento/2019-09/Regi%C3%B5es%20Geogr%C3%A1ficas%20Intermedi%C3%A1rias%20%28IBGE%29%20-%20Paran%C3%A1.pdf>. Acesso em 02 abr. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4 ed. Fev. 2006 [2000]. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf>. Acesso em 02 abr. 2026.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RAMÍREZ, Alejandro Guzmán; SAINZ, Kitziah Marcela Hernández. “La fragmentación urbana y la segregación social: una aproximación conceptual”. **Legado**. FAD UAEMéx, año 8, n. 14, jul. – dez. 2013, p. 41 – 56.

YAMAMOTO Administradora de Imóveis. **Nova Castro**. 2013. Disponível em: <<https://novacastro.com.br/>> . Acesso em 02 abr. 2026.